

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

a crítica

Class.:

NOAM. Geral 31

Data

18.02.87

Pg.:

Jose Ribamar Bessa Freire

190

Rio Negro: As malocas e as muralhas

O primeiro viajante europeu a passar pela foz do rio Negro foi Orellana, num sábado de junho de 1542, véspera da Santíssima Trindade, quando os espanhóis invadiram uma povoação indígena aí localizada, saquearam-na e se abasteceram de alimentos que existiam em abundância.

A povoação foi descrita como estando situada em uma lomba afastada do rio, fortificada por uma muralha de grossos troncos, com uma praça no meio. Ainda próximo à foz, Orellana encontrou outra aldeia de porte médio. "Havia lá uma praça muito grande e no meio da praça um grande pranchão de 10 pés em quadro, pintado e esculpido em relevo, figurando uma cidade murada, com a sua cerca e uma porta".

"Os que residem nas águas do rio Negro são grandes Províncias", afirma o padre Acuña, cem anos depois, ao navegar pela mesma foz, nominando a existência de pelo menos 12 nações diferentes.

A enorme quantidade de índios habitantes do rio Negro deixou os soldados portugueses da expedição de Pedro Teixeira excitado pela possibilidade de levá-los como escravos à Belém, no que foram impedidos por interferência do padre jesuíta espanhol.

OS ÍNDIOS

Um dos militares portugueses presente neste episódio, Maurício de Heriarte, em relato posterior (1662) descreveu a região do rio Negro como "terra mui grande e povoada": "He este rio povoado de inumerável gentio. Tem um principal na bocca, que fica nas duas Amazonas, que he como o Rei, por nome Tabapari. Tem debaixo do seu domínio muitas aldeias de diversas nações e dellas he obedecido com grande respeito".

Esses povos que habitavam a re-

gião do rio Negro pertenciam, em sua grande maioria, ao tronco-linguístico Aruak. Três deles se destacaram historicamente, enfrentando-se ao conquistador: os **Manáo**, que emprestaram o seu nome a atual capital do Amazonas, os **Baré** e os **Tarumã**.

As notícias mais seguras sobre os **Manáo** são do séc. XVII. Eles são chamados no relato de Acuña de Managús e Amanagús e trocavam com os Ybanomas e Yurimaguas adornos de ouro, obtidos em outras regiões, por ralos de mandioca e redes. Mais tarde (1686), outro jesuíta, o padre Samuel Fritz, confirma as informações e fornece mais detalhes.

Os **Manáo** constituíam o grupo étnico mais importante da área, habitando as duas margens do baixo rio Negro, desde a foz do rio Branco até a ilha Timoni. No momento da invasão colonial pareciam estar em pleno processo de expansão territorial em direção ao oeste, espalhando-se pela região do rio Japurá. Sua população foi estimada, já decrescida após os violentos choques armados com os portugueses no séc. XVIII, em mais de 10.000 almas.

Os **Tarumã**, visitados em 1657 pelos jesuítas Francisco Veloso e Manoel Pires na primeira entrada histórica do vale do Rio Negro, constituíam uma tribo pequena, assentada nas proximidades da atual cidade de Manaus, nos rios Tarumã e Ajurim, ambos afluentes esquerdos do baixo Negro. Eram conhecidos pelos ralos de mandioca que fabricavam.

Os **Baré** dominavam a parte superior do rio Negro e ocupavam ainda uma área vizinha aos **Manáo**, situando-se mais acima da cidade de Moura, num território extenso "que abarcava grande população". Produziam bebidas fermentadas e em suas festas dançavam com o corpo pintado de jenipapo.

As informações sobre os padrões de povoamento das nações indígenas do rio Negro são muito escassas e estão dispersas na documentação oficial, que não é muito generosa sobre isso.

As habitações do povo **Manáo** tinham a forma cônica e ali onde a população era mais densa, suas casas tinham parede de barro, provavelmente misturado com palha, já no período colonial, segundo informações de Métraux. Seus mortos, enrolados em redes, eram enterrados em fossas cavadas dentro da própria habitação, contendo algumas delas, escavadas posteriormente, mais de 100 sepulturas.

Os **Baré** habitavam em grandes malocas, construídas com estacas verticais, provavelmente do tipo daquela vista por Heriarte na foz do rio Negro: "casas redondas fortificadas com estacadas como casas fortes". Em volta da aldeia estavam, localizadas as roças, sendo cada maloca ocupada por diversas famílias nucleares. Em seu interior, ao longo das paredes, havia jiraus.

SUAS CASAS

Temos conhecimento da existência de casas retangulares, cilíndricas, cônicas, ovaladas e de aldeias em formato circular, retangular ou lineares, formadas por casas alinhadas ao longo do rio, como também de malocas comunais e multifamiliares — grande e única habitação que abrigava uma comunidade inteira.

O tipo de construção variava de acordo com o seu caráter mais ou menos temporário. Como esses povos praticavam a agricultura de coivara, existia uma grande mobilidade dentro do território tribal, obrigando-os a mudar a localização da aldeia com uma certa regularidade.

A floresta funcionava como uma usina de produção de material de

construção: as árvores forneciam madeira para os esteios, vigas, e travessões; as amarrações eram feitas por diferentes tipos de cipó e embira, abundantes na região, com o uso também da técnica de encaixe, com paus escavados para melhor ajustamento, enquanto a cobertura era feita de folhas de variados tipos de palmeira. No entanto, era necessário conhecer, saber selecionar e trabalhar sobre esses elementos.

Dados também fragmentados nos dão indicações aqui e ali sobre a organização do espaço interno dessas habitações. Algumas generalizações talvez possam ser feitas: essas casas eram muito limpas e varridas, com temperatura ambiental agradável, permitindo a circulação de ar e a entrada maior ou menor de luz, de acordo com as necessidades do momento.

Na maioria das habitações, as redes eram armadas em vigas e as cestas penduradas em estacas, contendo objetos de uso pessoal, que também eram guardados enfiados no teto.

A ALDEIA

Os critérios usados para determinar a localização de uma aldeia eram, entre outros: a existência próxima de matéria-prima para a construção das habitações, o tipo de solo para a agricultura, a proximidade de zonas de caça e pesca e de rios e igarapés que permitissem o uso da canoa — instrumento vital de deslocamento desses povos que era feito, prioritariamente, por água.

No entanto, alguns relatos dão conta da existência também de caminhos mais ou menos largos e limpos que ligavam as aldeias às roças e de caminhos mais estreitos — pequenas picadas e trilhas — que cortavam a parte da floresta circundante em diferentes sentidos, per-

mitindo a ligação das aldeias com os igarapés, com os sítios de caça e pesca e com outras aldeias.

Essas informações, embora dispersas, sugerem algumas idéias sobre a forma como se movimentavam os índios, o modo como se relacionavam entre eles, o uso dado às suas habitações e o significado da aldeia e do território na vida desses povos.

Uma primeira dedução lógica permite sustentar a afirmação de que, para muitas dessas sociedades tribais, a casa não era o ponto de referência mais importante, não podendo portanto ser compreendida em forma isolada do contexto da aldeia e do próprio território com a qual ela estava plenamente integrada.

Muitos povos do rio Negro usavam a casa apenas para comer e descansar, realizando a maioria das atividades fora dela, ampliando assim a própria noção do que era o espaço doméstico. Algumas exceções podem ser constatadas no caso de grandes habitações como as do já citados **Baré**, ou as dos **Tukano**, que ainda vivem no alto Uaupés, em cujo interior se desenvolviam muitas atividades cotidianas, o que levou esses índios a atribuir uma maior importância à habitação, manifestada através do seu requinte arquitetônico e decorativo, conforme observa Lux Vidal, em artigo publicado no livro "Habitações Indígenas".

Em qualquer dos casos, o território indígena aparece sempre como um poderoso elemento de identidade que coesiona o grupo e como um espaço integrado e único, não separando por grandes distâncias o local de moradia da roça, do igarapé e de outras áreas necessárias para atividades produtivas e de lazer. Essa concepção de organizar o território será profundamente abalada com a invasão dos portugueses.

(Na próxima quarta-feira, "Manaus — Terra dos Barés".)